

Referências bibliográficas

AMORIM, Marcel Álvaro de. Linguística Aplicada Indisciplinar. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009. n. 43. jan./abril. ano 15.

ALLWRIGHT, D. Six Promising Directions in Applied Linguistics. In: GIEVE, S.; MILLER, I. (Eds) **Understanding the Language Classroom**. New York: Palgrave e McMillan, 2006.

ALLWRIGHT, D.; BAILEY, K. **Focus on the Language Classroom: An introduction to classroom research for language teachers**. Cambridge: CUP, 1991.

BAKHTIN, M. V. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre a aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas. **Linguagem e Ensino**. [S.I.:s.n.], 2004. v. 7, n.1, p.123-156.

_____. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A. M. F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.) **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. Campinas: Pontes, 2006.

CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem e Ensino**. Pelotas: 2005. v. 8, n. 1.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DENZIN, N. The reflexive interview and a performative social science. **Qualitative Research**. SAGE Publications, 2001. v. 1, p. 23-46.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DE FINA, A. Narratives in interview: the case of accounts. **Narrative inquiry**. v. 19, n. 2, p. 233-58, 2009.

_____. Narratives in interviews: the case of accounts for an interactional approach to narrative genres. **Narrative Inquiry**. 2009. 19(2):233-258. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1075/ni.19.2.03def>

DE FINA, A.; SCHIFFRIN; BAMBERG. **Discourse and Identity**. Cambridge: CUP, 2006.

DEL CORONA, M.; OSTERMANN, A. N. “Eu não aguento mais!”: a produção de accounts narrativos nas ligações para o serviço de emergência da Brigada Militar (190). **Calidoscópio**, v. 11, n. 2, p. 178-191. 2013.

DE GRANDE, P. B. O pesquisador interpretativo e a postura ética em pesquisas em Linguística Aplicada. **Eletras**, v. 23, n.23, dez. 2011.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. 278 p.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço da desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 720 p. 2012.

_____. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Interaction Ritual – essays on face to face behavior**. [S.I.:s.n.], 1967.

_____. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. Sociolinguística Interacional. **ReVEL**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. **ReVEL**, v. 7, n. 13, 2009.

_____. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Frame Analysis**. New York: Harper & Row, 1974.

GUMPERZ, J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 149 – 182.

HERITAGE, J.; ATKINSON, M. Introduction. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. **Structures of Social Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MILLER, C. Genre as a social action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Eds.) **Genre and the new rethoric**. Taylor & Francis, 1994.

MISHLER, E. **Research interviewing. Context and narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1986

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo, [s.n.], 1994, v. 10, n. 2, p. 329-338.

_____. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. (Org.) **Linguística Aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. (Org.) Linguística aplicada e vida contemporânea: Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: Moita Lopes, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, 2006. p. 85-107.

MORAES BEZERRA, I. C. R.; MILLER, I. K. **Com quantos fios se tece uma reflexão? Narrativas e argumentações no tear da interação**. 2007. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

OSTERMANN, A. C. Comunidades de Prática: gênero, trabalho e face. In: HEBERLE, V. M.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. C. **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

OSTERMANN, A. C.. SOUZA, J. Contribuições da Análise da Conversa para os estudos sobre o cuidado em saúde: Reflexões a partir das atribuições feitas por pacientes. **Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ)**. [S.I.:s.n.], 2009. v. 25, n. 7. OSTERMANN, Ana C.; SILVA, C. R. A formulação em interações: para além da compreensão mútua entre interagentes. **Calidoscópio**. [S.I.:s.n.], 2009.

OSTERMANN, A. C. ROSA, D. R. da. Do que não se fala: assuntos tabus e momentos delicados em consultas ginecológicas e obstétricas. **Humanização, gênero e poder: contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz; Campinas: Mercado das Letras, 2012.

PEREIRA, M. G. D. Introdução. **Palavra**, [S.I.:s.n.], 2002. v. 8, p. 7-25.

SACKS, H. On doing “being ordinary”. In: ATKINSON, J.; HERITAGE, J. (Orgs.). **Structures of social action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SCHIFFRIN, D. **How a story says what it means and does**. *Text*. [S.I.:s.n.],

1984. v. 4, n. 4, p. 313-346.

_____. **Discourse markers. Studies in Interactional Sociolinguistics.** [S.I.:s.n.], 1987

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. **A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. Language.** [S.I.:s.n.], 1994. 50(4), 696-735.

SILVA, C. R.; ANDRADE, D. N. P.; OSTERMANN, A. C. Análise da Conversa: uma breve introdução. **ReVEL**, 2009, v. 7, n. 13. Disponível em: [www.revel.inf.br].

TANNEN, D. **Talking Voices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse.** New York: Cambridge University Press, 1989.

VICKERS, C. H.; GOBLE, R.; LINDFELT, C. Narrative co-construction in the medical consultation: How agency and control affect the diagnosis. **Communication: Medicine.** [S.I.:s.n.], 2012. v. 9, n. 2, p. 159-171.

7

Anexos

Transcrição da conversa 1

1	1 2 3 4 5	Gabriela	Vou gravar. então Lucas vamos começar aqui a nossa:: a nossa conversa. É: >primeiro eu queria agradecer< por você ter aceitado participar. eu sei que é <u>chato</u> , eu to aqui te atrapalhando enfim é::
2	6	Lucas	Tá atrapalhando não.
3	7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 35 37	Gabriela	risos)Ainda bem que a gente é amigo né? então é: a a minha pesquisa né, no caso eu busco eu quero refletir sobre o >ensino- aprendizagem de língua inglesa por meio dos gêneros discursivos<. então para isso eu tô conversando com você e vou conversar com outros dois amigos sobre o que vocês fazem sobre o que nós professores fazemos nessa área enfim né e buscar reflexões sobre esse ensino por meio dos gêneros discursivos. eu comecei cheguei nesse tema de pesquisa >primeiro que eu tive cinquenta milhões de temas de pesquisa< porque eu fui a um congresso em São Paulo e lá eu vi que tinha mUIta coisa sobre gêneros discursivos e ensino de língua inglesa e eu depois de a:nos que eu já dou aula há oito anos mais ou menos comecei com dezessete é e não sabia nada sobre nada teórico né. então assim eu usava muito aquilo e não sabia que usava então eu não sei se eu usava né be:m ou ma:l. então assim aí eu comecei a pensar sobre isso né. então foi a minha a: minha motivação. aí eu queria falar com você discutir com você sobre essa proposta de ensino por meio dos gêneros né. isso sobre os gêneros discursivos isso é novo pra você? você já tinha ouvido fala:r ou conhece alguma coisa assim?
4	38 39 40 41 42	Lucas	Não... Não que eu me lembre assim (.) por esse nome. >talvez eu saiba o que é<, mas (.) o nome TEÓRICO assim, é me soa familiar, sabe. mas acho que pelo tempo que: que eu to afastado de: <u>teoria</u> eu não

	43		conseguiria explicar o que é...
5	44 45 46 47 48	Gabriela	Explicar o que é. Entendi. é... mas assim ensinar por meio de gêneros você lembra de alguma coisa em relação a isso? assim ah ensino por meio de gêneros... Nada nada vem na sua cabeça né?
6	49	Lucas	Não não...
7	50 51	Gabriela	Você <u>gostaria</u> que eu te falasse alguma coisa sobre?
8	52	Lucas	Sim.
9	53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85	Gabriela	Tá... então hoje eu vindo aqui no ônibus eu vim lendo dois livros. até eu posso até te mostrar aqui alguma coisa. não é nada demais mas antes de te mostrar aqui eu podia até te falar. Então o que acontece quando a gente: na vida eu vou tentar falar bem né enfim eu vou tentar explicar bem básico né é: quando a gente tá: numa relação >na vida cotidiana< a gente se comunica por meio dos gêneros. então assim se eu vou numa padaria e peço um <u>pão</u> aquela maneira que eu peço um pão vai ser repetida por várias outras pessoas que pedem o pão também. quando eu encontro com um amigo para ir num cinema quando a gente vai combinar de ir pra um cinema ou alguma coisa assim aquela combinação de ir pro cinema vai ser sempre quase sempre parecida a o formato de usar as mesmas palavras ou a mesma estrutura vai ser bem semelhante. então assim, isso seria um gênero né. aí a teoria que existe por trás disso é que esses gêneros são discursos relativamente estáveis ou seja a gente escolhe se comunicar sempre por por ah: esses gêneros de certa forma estáveis para facilitar a nossa comunicação humana. então nos cursos de inglês seria mais ou menos assim é: ensinar como um é aquela coisa <i>salesperson</i> e pra vender uma bolsa. então assim aqueles tipos de <u>diálogo</u> seria alguma coisa por isso entendeu?
10	86	Lucas	Sim sim. tá.
11	87 88 89 90 91 92	Gabriela	Então assim não vou nem pro livro não bobeira. então aí seria uma coisa meio tipo assim. mas acho que resumindo muito seria isso né. seria essa maneira que a gente usa pra se comunicar e que ela é de certa forma estável. e os cursos usam

	93		muito disso...
12	94	Lucas	Sim
13	95 96 97 98 99 100	Gabriela	...pra ensinar entendeu? Então agora entendendo fazendo um panorama bem geral sobre o que seriam esses gêneros discursivos, você você você consegue pensar na sua prática de que forma você ensina ou que você utiliza isso?
14	101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118	Lucas	É ... a gente a gente >trabalha muito< com <u>diálogos</u> prontos né e: em situações diversas então assim são principalmente no início >principalmente no início< do da aprendizagem né que é aquele <i>survival English</i> . assim aí a gente aprende né como se comunicar em situações do tipo "ah é quero comprar uma roupa" ou "ah eu quero saber aonde fica tal lugar" ou "tipo eu to num restaurante" e são situações assim sabe e geralmente os alunos são incentivados a reproduzir esse diálogo. é em sala principalmente nesses níveis iniciais que eles ainda não tem muita capacidade de manipular a língua por conta própria, então eles trabalham com aquilo que já tá né <u>pré</u> modelado. ↓seria... mais...
15	119 120 121 122 123	Gabriela	Entendi. você acha que isso empodera o aluno por exemplo se ele precisar usar o inglês dele numa situação real? isso dá o poder, do aluno conhecer esse gênero numa situação REAL ↓assim?
16	124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141	Lucas	Eu acho que sim. quando quando é aplicado quando é mostrado pro aluno que aquilo é uma situação real né num primeiro momento >num primeiro momento< ele vai conseguir utilizar-se daquilo pra se comunicar. Claro que por conta do diálogo <pré-formado> ser uma coisa muito: é... assim tem uma forma muito fixa às vezes no no dia a dia as pessoas não a a linguagem >a língua não é assim< né. Não é aquela coisa fechadinha a pessoa pode escolher falar uma outra coisa naquele momento mas eu acho que principalmente pra um aluno iniciante é importante porque além dele tá entendendo aquele diálogo naquela situação ele tá entendendo algumas questões gramaticais até de como formar de como as frases são formadas...
17	142	Gabriela	Entendi.

18	143 144	Lucas	Então assim ajuda também nessa parte gramatical.
19	145 146 147	Gabriela	Entendi então você acha que essas estruturas de certa forma fixas ajudam até na parte gramatical do aluno?
20	148 149 150 151 152 153 154 155	Lucas	Sim claro. pra ele se familiarizar como a frase é construída pra que depois ele consiga utilizar de uma forma mais autônoma e aí >ele mesmo lá na frente pode conseguir reproduzir< esse diálogo de uma forma autônoma entendeu? talvez até utilizando outras formas que não aquelas.
21	156 157 158 159	Gabriela	Hum...Entendi.Entendi. então é é aquilo né não é uma coisa fixa ele vai ter um pré modelo né e depois ele usa da maneira que ele quiser.
22	160	Lucas	Sim sim.
23	161 162 163 164	Gabriela	Entendi. E você lembra de alguma experiência em sala de aula que você tenha usado o a essa abordagem de ensino por meio dos gêneros?
24	165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184	Lucas	É bem comum muito comum. tanto no que eu trabalho com dois métodos né seria (.) um método comunicativo também tem essa questão né. mas eu ↑já eu já recebi <i>feedback</i> dos alunos de que aquela situação tipo assi:m "eu ouvi isso já vendo uma série vendo um filme,mas não dessa forma, eu ouvi de uma outra forma de uma outra maneira". e aí você explica né do jeito que a gente tá conversando aqui "ah isso é uma outra forma você também pode usar essa forma ou talvez uma forma mais informal" que a gente aprende esses diálogos as vezes de maneira mais formal né? e "ah é uma forma mais informal", então assim o aluno também usa dessa comparação né. ele compara o que tá ali no livro que é uma forma mais formal mais é assim gramaticalmente corretinha com o que ele vê na na vida real.
25	185	Gabriela	No dia a dia.
26	186 187 188 189	Lucas	No dia a dia dele exatamente. e então assim eu utilizo muito isso em sala de aula e é muito utilizado. e eu acho que é eficiente sim num primeiro momento...
27	190	Gabriela	Por que você diz primeiro momento assim?
28	191	Lucas	Porque eu eu acho assim que o esperado é

	192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202		que conforme o aluno avance ele consiga usar ele consiga personalizar. é personalize né que eles chamam assim né. Que ele consiga usar aquilo né com autonomia sabe. Eu não acho legal um aluno sei lá intermediário por exemplo ou pré avançado ficar trabalhando com com coisas já pré montadas. Eu acho que ele nesse ponto ele já tem que ter autonomia sabe pra poder formar o seu próprio discurso diálogo né.
29	203 204 205 206 207	Gabriela	Entendi. é é a sua própria vivência né. Pra pra pegar o que tá realmente acontecendo e colocar pra uso né. e o que que você acha dessa abordagem nos cursos de idiomas que <u>você</u> atua?
30	208 209	Lucas	Então é é: depende tem tem curso que eu trabalho que...
31	210	Gabriela	Pode falar o nome. Não tem problema.
32	211	Lucas	Posso falar? Ah tá. Então...
33	212	Gabriela	Depois a gente corta (risos).
34	213 214 215 216 217	Lucas	Tá tá bom. Então eu trabalho no X e na Y. No X a gente utiliza muito esses esses discurs... diálogos né assim desde o início e eu acho que...
35	218	Gabriela	Vai até o avançado né?
36	219 220	Lucas	Exatamente eles se estendem até o nível avançado.
37	221	Gabriela	Até no livro 10 eu acho que tem né?
38	222 223 224 225 226 227 228	Lucas	Tem tem. Nã:o no livro 10 é no livro 10 até que tem também. No último nível até que tem também. Mas é aí eu acho que o aluno ele fica muito dependente daquilo sabe e aí acaba que ele quando ele é solto assim pra ele se comunicar ele não ele às vezes não consegue manipular...
39	229	Gabriela	A língua, né?
40	230 231 232 233 234	Lucas	Exatamente. Porque ele tá muito acostumado a ter um modelo pronto e ele reproduzir o estímulo que ele recebe então quando ele vai avançando ele não tem tanta autonomia.
41	235 236	Gabriela	Mas isso no caso você diz em sala de aula?
42	237	Lucas	Isso em sala de aula.

43	238 239	Gabriela	E na vida real você acha que ele talvez não conseguisse usar tão bem né?
44	240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255	Lucas	Eu acho que né assim na vida real se ele tiver numa situação por exemplo ele viaja vai pros Estados Unidos e aí ele precisa se comunicar ele vai dar o seu jeito e vai se virar porque ele tem as estruturas. ele ele ele tem aquilo ele tem aquele conhecimento, mas é a <i>fluency</i> o <i>fluency</i> não não é muito trabalhado. Então o aluno ele tem a estrutura gramatical na cabeça. ele ele tem conhecimento mas ele não consegue é ele não foi treinado vamos dizer assim nunca foi estimulado pra manipular então eu acho até que o ideal pra um aluno né que estuda no X seria ele ter esse contato com o real pra ele se soltar.
45	256	Gabriela	Sair do fixo e criar o dele né.
46	257 258	Lucas	Exatamente. eles ficam com o pré-montado mu:ito tempo sabe.
47	259 260	Gabriela	Entendi. Até o livro 10 no caso. Então é o curso inteiro né?
48	261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271	Lucas	É e com situações assim que não são necessárias mais sabe. situações que que foi aquilo que eu te falei eu acho que o diálogo ele é muito mais importante no início que o aluno ainda não tem aquela sagacidade, entendeu? ele ele trabalha coisas de <i>survival English</i> . Mas po você não precisa de um diálogo pré-montado pra um aluno de avançado entendeu? de uma situação muito específica sabe aí eu já acho...
49	272 273 274 275 276 277 278	Gabriela	É...Não porque não é assim no caso até no começo da: da nossa conversa eu até falei sobre os os diá:logos, enfim e ficou uma coisa mais oral mas os gêneros na verdade podem ser tudo assim. é uma carta uma carta ao editor, uma mensagem de whatsapp, pode ser é...
50	279	Lucas	é... o... Entendi entendi.
51	280 281 282 283 284 285	Gabriela	Pode ser qualquer coisa entendeu tipo um e-mail é um gênero uma receita de bolo é um gênero. Então assim a nossa vida ela é organizada por meio desses <u>gêneros</u> assim que podem ser de >qualquer coisa<, podem ser escrito pode ser oral. Então...
52	286	Lucas	É... então mas isso aí voltando ao ao X

	287 288		realmente é: esses então... O escrito nem nem nem aparece.
53	289	Gabriela	Nem aparece. É muito foco na oralidade.
54	290 291 292 293 294 295 296 297	Lucas	Nem aparece. É: aparece assim... uma coisa <escrita de paraquedas ali>, mas não é o foco mesmo não. Já no na Y >que eu trabalho com o comunicativo< eles tem esses diálogos também nos níveis iniciais mas com o passar do tempo é... isso vai sumi:ndo assim sabe...
55	298	Gabriela	Ah... entendi.
56	299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316	Lucas	Eles vão... é: eles vão sendo estimulados a <discutirem> sabe. eu >não to dizendo aqui< que um seja melhor que o outro eu to dizendo que assim, um tem pontos(.) diferentes do outro isso exatamente. Eu posso até: separar aqui: eu acho que o aluno do X ele é muito mais <i>accurate</i> que um aluno da Y. ele ele ele, um aluno X ele tem a estrutura gramatical e ele dificilmente, um aluno dificilmente vai cometer erros gramaticais grosseiros, sabe. já na Y o aluno ele tem a <i>fluency</i> , se você joga eles pra bater papo eles vão bater papo mas eles eles às vezes apresentam uns erros, assim muito básicos porque eles não não bateram naquilo, sabe muito. é um foco muito mais na fluência.
57	317	Gabriela	Entendi.
58	318 319 320 321 322 323 324 325 326	Lucas	Na verdade é isso que eles vão precisar pra vida né? Ah então assim e os gêneros escritos são muito mais trabalhados. Eles um aluno sabe um aluno da Y ele sabe escrever uma carta, ele sabe escrever um e-mail ele sabe escrever é no caso se ele tiver que escrever um um artigo de opinião, entendeu? Eles trabalham diferentes gêneros.
59	327 328	Gabriela	Entendi. Ele é exposto a diversos gêneros no caso.
60	329 330 331 332 333 334 335	Lucas	Sim sim. E é as <i>skills</i> da língua são muito mais trabalhadas, então eles ele tem o treino de <i>listening</i> , de <i>writing</i> , tem de <i>speaking</i> de de <i>reading</i> . Enquanto que o aluno do X ele vai ter um treinamento quase que exclusivamente focado pro <i>speaking</i> né e assim, um

	336 337 338 339 340		<i>listening</i> ali de quebra né porque ele trabalha com estímulo - resposta, mas <i>writing</i> e <i>reading</i> é praticamente zero... é fica mais a-assim pra homework.
61	341	Gabriela	Entendi. O que quase não acontece na verdade né.
62	342	Lucas	É... é.
63	343	Gabriela	As redações não são muitas...
64	344 345 346 347	Lucas	Um aluno de <i>junior</i> até trabalha mais o o <i>writing</i> mas é um pouco mais. Mas não chega a ser é muito mais pro <i>speaking</i> mesmo.
65	348	Gabriela	Entendi.
66	349 350	Lucas	Eu diria que é sei lá 90 por cento do curso é <i>speaking</i> .
67	351	Gabriela	É porque né enfim...
68	352 353 354	Lucas	E apesar disso de ser <i>speaking</i> o aluno não trabalha <i>fluency</i> então ele não é é ...
69	355	Gabriela	Ele fica engessado né?
70	356	Lucas	Engessado exatamente.
71	357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367	Gabriela	Dos alunos que eu tive também... eu consigo pescar isso daí. mas assim, de uma maneira geral um panorama geral você acha que esse ensino de língua inglesa por meio dos gêneros você acha que inclui socialmente esse aluno esse aluno que sai dessa sala de aula e que foi exposto a vários gêneros escrito e oral? Você acha que ele vai ser vai conseguir ser incluído melhor dentro daquela do nicho que ele for exposto?
72	368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382	Lucas	Eu acho que sim. Ele tendo uma: noção prévia do que aquilo vai ser do que aquilo é... É: ele levando isso pro pra vida real e ele consegue, porque(.) >foi como eu falei no início< ele geralmente quando a pessoa é exposta a um gênero, né a um <i>dialog</i> assim ou a um <i>writing</i> ela vai pelo padrão da língua entende? Então quando por mais que a realidade da pessoa do dia a dia seja mais informal mas ela tá preparada pra aquilo e ela ganha mais quando ela vai pra vida real porque ela agrega na verdade. Eu acho que agrega entendeu? mas é necessário ele ter uma base pra isso.

73	383 384 385	Gabriela	Ah entendi então você acha que a base é importante pra que ele consiga acrescentar coisas né?
74	386 387 388 389 390 391 392 393 394	Lucas	Sim, claro! Tanto que por isso que assim, >mas aí já é uma opinião< sabe eu acho que o aluno, por exemplo se fala muito de intercâmbio. não sei o que o que eu acho que é legal o aluno viajar pra fora pra entrar em contato mas eu acho que é depois de um tempo. eu acho legal ele ter uma base assi:m, fazer dois anos de curso, três. Pra depois ele se lança:r...
75	395	Gabriela	Entendi. Mas por que que você acha isso?
76	396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408	Lucas	Porque: o eu já tive relatos de alunos que fizeram intercâmbio sem saber <u>nada</u> assim. eles foram no nível... e e é complicado porque você chega lá fora e você tá num curso de inglês pra estrangeiros com gente de vários países e você BRASILEIRO né não tem aqui um estímulo que tem uma pessoa de outros países. então >algumas pessoas chegam lá e ficam um pouco perdidas e tal<. então, eu acho que você deve ter já um estudo prévio com uns dois três anos de curso. Te dá uma confiança maior, sabe.
77	409	Gabriela	De conseguir se virar né?
78	410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422	Lucas	Exatamente. >não to falando que você não vá aprender< você <u>pode</u> aprender, mas eu acho que tem mais chances de ser traumático. Mesmo porque, pela minha experiência eu vejo que as pessoas principalmente o adulto é: ele chega -> no caso eu to falando isso aqui mais pra adulto tá?< porque é o que eu tenho mais experiência - O adulto ele é <u>muito</u> sensível ainda em relação à língua. assim, ele se sente muito mal traumatizado. Então eu acho legal ele ter uma base sabe. Adolescente é outra coisa.
79	423	Gabriela	O que você acha dos adolescentes?
80	424 425 426 427 428	Lucas	Não adolescente é outra coisa! Adolescente >numa maneira geral< ele:s já eles nascem já com o inglês como <u>segunda língua</u> assim né. É então eles são mais sagazes sabe.
81	429 430	Gabriela	Hum... entendi. Então até pra se virar e tudo.
82	431	Lucas	Aquela história que eu contei por exemplo

	432 433 434 435 436		de ser questionado em relação ao <i>dialog</i> na a experiência que eu tive foi de um <u>adolescente</u> não foi de um adulto. O adulto nunca questionaria isso! Nunca questionaria.
83	437	Gabriela	Entendi.
84	438 439 440	Lucas	Sabe, eles aceitam as coisas mais facilmente. Se você disser que isso é isso então é isso.
85	441	Gabriela	Acabou né?
86	442 443	Lucas	O adolescente já falaria: mas eu vi numa série também assim não pode ser?
87	444	Gabriela	Entendi. Um poder de questionamento né.
88	445 446 447 448 449	Lucas	O do adolescente é muito maior porque eles vivem dentro né. É... eles tem inglês toda hora. É difícil você ver um adolescente que é zerado. Tem mas... é mais difícil.
89	450 451	Gabriela	É ... sempre tem. Mas eu acho que hoje em dia isso é muito mais difícil.
90	452	Lucas	Muito mais do que adulto.
91	453 454 455 456 457 458 459	Gabriela	É entendi. Mas então eu acho que é isso Lucas. Eu acho que pra uma nossa primeira conversa eu acho que a gente conseguiu já pensar em algumas ideias e tal. Queria que você pudesse me ajudar nesse estudo. É ... agradecer pelo tempo pela disponibilidade. Obrigada, tá bom, Lucas.
92	500 501	Lucas	Uhum, claro. Nada que isso!
93	502	Gabriela	Tá então é isso.

Transcrição da conversa 2

1	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17	Gabriela	Oi Lucas como é que você tá? posso pedir uma ajuda? Então... eu tava aqui olhando... olhando >as conversas que a gente teve< né há um tempo atrás aquelas lá é... do >meu trabalho< e eu queria saber se você <u>lembra</u> mesmo que seja por alto tá é... como é que você se <u>sentiu</u> durante a nossa primeira conversa. A primeira porque né foram duas né naquela <u>primeira</u> . Você <u>lem:bra</u> como você se <u>sentiu</u> assim? Ou como você pode ter se sentido dura:nte ou um pouquinho depois talvez e uma outra coisa como que você acha que <u>eu</u> tava naquele dia como você acha que eu tava me sentindo naquele dia? Sabe tipo ... é... me ajuda aí por favor tá? beijos
2	18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43	Lucas	Então... no dia da nossa conversa ... e.eu... eu tava me sentindo um pouco desconfortá:vel porque... é é um assunto assim que eu não domino mui:to né aí eu tava né... meio assim... apreensivo >vamos dizer assim< mas... você se preocupo... com isso e eu n.não achei que você assim tava me <u>impondo</u> NADA ou forçando não sei a sua interpretação das coisas eu acho que você me deixou a vontade eu acho que tava mais tenso assim no início mas depois que foi indo eu fui ficando tranquilo assim de boa as vezes eu ficava um pouco com receio de falar <u>demais</u> também e e e aí eu procurava filtrar um pouco as minhas respostas pra não ficar um negócio também muito é... prolixo eu só achei que... >eu achei que você conduziu bem< eu só achei assim que as vezes... você... meio que... assim você achava que eu não fosse saber alguma coisa e >aí você explicava um pouco <u>DEMAIS</u> sabe< entendeu tipo explicava demais assim no iní... antes de... ao invés de dar a a chance pra ver se eu ia de <u>fato</u> entender.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: Ensino-aprendizagem de língua inglesa e os gêneros discursivos nas salas de aula dos cursos de idiomas: uma análise crítico-reflexiva.

OBJETIVO DO ESTUDO: O objetivo principal deste projeto é refletir acerca do ensino-aprendizagem de língua inglesa por meio dos gêneros discursivos nos cursos livres de idiomas no estado do Rio de Janeiro.

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem o direito de não participar deste estudo. Estamos gerando informações para compor o *corpus* de análise de dissertação de mestrado da pesquisadora responsável. Se você não quiser participar do estudo, isto não interferirá na sua vida profissional e/ou particular.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Caso decida integrar este estudo, você participará de encontros com a pesquisadora responsável a fim de discutir sobre o tema proposto. Utilizaremos os dados gerados como parte do objeto de pesquisa.

GRAVAÇÃO EM ÁUDIO: Todos os encontros serão gravados em áudio, mas seu nome não será utilizado. As gravações serão ouvidas por mim e por uma pesquisadora experiente e estas serão utilizadas somente para geração de dados. Se você não quiser ser gravado em áudio, você não poderá participar deste estudo.

RISCOS: Você pode achar que determinadas perguntas incomodam você, uma vez que as informações que geramos são sobre suas experiências e práticas profissionais. Assim sendo, você pode escolher não responder quaisquer perguntas e/ou temas propostos que o façam sentir incomodado.

BENEFÍCIOS: Sua entrevista ajudará na compreensão da abordagem de ensino utilizada por cursos livres de idiomas, em especial os de língua inglesa, bem como na reflexão sobre a pedagogia de gêneros empregada e sua efetiva utilização. Fazendo parte deste estudo, você fornecerá mais informações sobre esta temática para, assim, contribuir para os estudos sobre as práticas de ensino que se utilizam da pedagogia de gêneros para o ensino de inglês como língua estrangeira.

CONFIDENCIALIDADE: Como dito acima, seu nome não aparecerá nas transcrições das gravações, bem como em nenhuma outra parte do trabalho e nenhuma publicação, partindo destas entrevistas, revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa. Sem seu consentimento escrito, os pesquisadores não divulgarão nenhum dado de pesquisa no qual você seja identificado.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Esta pesquisa está sendo realizada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio através do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, com o apoio da CAPES,

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, sendo a aluna Gabriela Coelho Oliveira a pesquisadora principal, sob a orientação da Prof^a Dr^a Adriana Nogueira Accioly Nóbrega. As pesquisadoras estão disponíveis para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, contacte a pesquisadora responsável no telefone (21) 99337 1208 ou no e-mail gabrielaoliveira1991@outlook.com em qualquer fase deste estudo. É importante dizer que você terá uma via deste consentimento e que você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contactar em caso de necessidade.

CONSENTIMENTO

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do estudo acima citado e que li, ou foram lidas para mim, todas as direções a serem seguidas para o desenvolvimento do trabalho proposto. Eu discuti com a pesquisadora Gabriela Coelho Oliveira sobre a minha decisão em participar deste estudo e ficaram claros para mim os propósitos do estudo, o procedimento a ser realizado, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Também ficou claro que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador